

ORGIO À BRASILEIRA: ESCRITAS E IMAGENS NA BUSCA POR OUTROS CAMINHOS EPISTEMOLÓGICOS

Chris, The Red
*Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista CAPES.
thered@thered.com.br*

*Simpósio Temático nº 20 – ESTUDOS CONTRACANÔNICOS
EM LITERATURAS E CULTURAS*

RESUMO

Como mudar a epistemologia dominante se mantivermos as referências de sempre? Como trazer novos discursos se sempre nos apoiarmos nas mesmas relações de saberes? Foi pensando nisso que, em 2021, criei e organizei o projeto de extensão *Orgio à Brasileira – Escritas Visuais*, compreendido de encontros realizados de forma online com escritores brasileiros com livros publicados sobre temáticas que conversam com assuntos da contemporaneidade como identidade, gênero, sexualidade, dissidências, marcadores sociais, raça etc. Estes e suas interseccionalidades são de grande relevância para o contexto contemporâneo diante dos diversos movimentos de resistência, principalmente, nas nossas sociedades brasileiras, onde todos estes assuntos se cruzam profundamente. Numa busca por outros saberes pela construção do que Boaventura chama de *Epistemologias do Sul* ou que Akotirene escreve: “de nada vale discutir decolonialidade, epistemologias perspectivistas, ou mesmo, criticar as dimensões constitutivas da ciência moderna se não exercitar a honestidade intelectual” (2017). Assim, convidei Ferdnando, Jefferson Campos, Abhiyana, Leandro Colling, PC, Carmen Faustino, Jéferson Alves, Isadora Ravena, Sara Wagner York e Rafael Leopoldo para falarmos sobre seus próprios livros e provocar debates sobre estes temas a partir do olhar de pesquisadores e escritores brasileiros que estão inseridos neste cenário brasileiro de forma mais próxima. Como estas temáticas conversam com o próprio fazer artístico do Chris, The Red – a cada encontro, conjuntos de fotografias inspirados nos livros foram apresentados complementando os debates. A união da escrita e da imagem como potência para alavancar ainda mais as conversas sobre temáticas que nos são tão próximas.

Palavras-chave: Projeto de extensão, Literatura brasileira, Arte contemporânea, Livros, Fotografias.

ABSTRACT

How to change the dominant epistemology if we keep the usual references? How to bring new discourses if we are always based on the same knowledge relationships? It was with this in mind that, in 2021, I created and organized the extension project *Orgio à Brasileira - Visual Writings*, comprised of meetings held online with Brazilian writers with books

published on themes that talk with contemporary issues such as identity, gender, sexuality, dissent, social markers, race, etc. These and their intersectionalities are of great relevance to the contemporary context in light of the various resistance movements, especially in our Brazilian societies, where all these issues intersect deeply. In a search for other knowledge through the construction of what Boaventura calls Epistemologies of the South or what Akotirene writes: "it is useless to discuss decoloniality, perspectivist epistemologies, or even criticize the constitutive dimensions of modern science if you do not exercise intellectual honesty" (2017). So, I invited Ferdnando, Jefferson Campos, Abhiyana, Leandro Colling, PC, Carmen Faustino, Jéferson Alves, Isadora Ravena, Sara Wagner York and Rafael Leopoldo to talk about their own books and provoke debates on these themes from the perspective of researchers and writers Brazilians who are inserted in this Brazilian scenario in a closer way. As these themes speak to Chris, The Red' own artistic work – at each meeting, sets of photographs inspired by the books were presented to complement the debates. The union of writing and image as a power to further leverage conversations on topics that are so close to us.

Keywords: Extension project, Brazilian literature, Contemporary art, Books, Photographs.

INTRODUÇÃO

O século é o XXI, depois de anos longe da academia, retorno no final de 2020 como mestrando em Poéticas Visuais do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Desde a minha formação anterior, uma Especialização em Artes Visuais, finalizada em 2011, estive em contato com várias outras pessoas com as quais compreendi e conheci a importância de outros saberes, aqueles que não estão necessariamente no espaço acadêmico e nem são conhecidos como os cânones, os clássicos. Neste entre tempos (2011-2020), conheci as obras de Abhiyana, Bruna Kury, Jota Mombaça, Djamilá Ribeiro, Márcia Tiburi, Sara Wagner York, Amara Moira, Rafael Leopoldo, Leandro Colling entre outras e estar na presença das palavras destas pessoas foi e tem sido primordial não apenas para o meu desenvolver como pessoa, mas também como artista e pesquisador.

De forma que uma vez de volta à academia, entendo como primordial trazer suas escritas para as atividades da pós-graduação, seja nos trabalhos desenvolvidos para as disciplinas seja em grupos de pesquisa e na minha própria dissertação como forma de compartilhar saberes. Assim, no início de 2021, sugeri, dentro de um grupo de pesquisa do qual fazia parte, a leitura do texto *Pode um cu mestiço falar?*¹ (2015) da artista Jota Mombaça². Texto que acho primordial para qualquer pessoa, inclusive, artistas para a compreensão não apenas do nosso lugar de fala em temas tão atuais como branquitude,

mas também do papel da universidade na construção de outros saberes além dos ditos legitimados pela academia.

Após o envio do texto de Mombaça para leitura e discussão no grupo de pesquisa, foi me pedido pela coordenadora do grupo que mudasse para outro que tivesse mais a ver com o grupo. Tal pedido me causou estranheza, pois nenhum dos textos apresentados por outras pessoas do grupo tinham necessariamente a ver o grupo, mas sim com a pesquisa da pessoa que sugeriu o texto da mesma forma que o texto de Mombaça tem a ver com a minha pesquisa e não foi solicitada a troca destes outros textos. Diante do pedido, optei por não mudar e continuar com o texto de Mombaça.

No dia do encontro do grupo, no qual discutiríamos esse texto, além de mim, apenas 2 pessoas o tinham lido. A participação na discussão foi mínima, restrita apenas a mim e àquelas outras duas pessoas, enquanto algumas outras do grupo não apenas optaram por ficar caladas, mas com as câmeras de vídeo fechadas, inclusive, a coordenadora do grupo de pesquisa, algo inédito em nossos encontros. Saí daquela reunião extremamente frustrado³.

E qual o por quê de começar este artigo contando este fato? Primeiro, porque precisamos urgentemente repensar nossas referências, pois ou a gente abre nossas mentes para outras escritas além dos ditos textos canônicos ou estaremos fadados a cair no ostracismo. Segundo, foi a partir deste episódio que surgiu a ideia de realizar o curso de extensão *Orgio à Brasileira – Escritas Visuais* que aconteceu de 06 de maio a 28 de julho de 2021 e é o objeto deste artigo.

ORGIO É SURUBA

*Orgio à Brasileira - Escritas Visuais*⁴ foi idealizado e organizado por mim no início de 2021 e realizado ao longo do primeiro semestre por meio de uma série de encontros online pela plataforma Zoom. Em cada encontro, convidei uma escritora, escritor, escritor⁵ do Brasil com livros publicados sobre temáticas que conversam com assuntos da contemporaneidade como identidade, gênero, sexualidade, dissidências, marcadores sociais, raça etc. e que são de grande relevância para o contexto contemporâneo diante dos diversos movimentos de resistência, principalmente, nas nossas sociedades brasileiras, onde todos estes assuntos se cruzam profundamente numa busca por outros saberes pela construção do que Boaventura chama de "Epistemologias do Sul" (SANTOS, 2019).

Assim, as pessoas convidadas e os seus respectivos livros abordados no curso foram as seguintes (listadas na ordem da agenda do curso): [1] Adalberto Ferdnando Inocêncio & Jefferson Campos. *Gêneros e Práticas de Subjetivação: Sujeições, Insurreições e Estéticas da Existência* (2020); [2] Abhiyana. *Textos Putos - Por Que Gozar é Tão Bom? Vol. 2* (2019); [3] Leandro Colling. *Crônicas do CUS: Cultura, Sexo e Gênero* (2019); [4] Jefferson Campos & Rodrigo Pedro Casteleira (PC). *Debates Decoloniais, Sexualidades, Gêneros e Interseccionalidades* (2020); [5] Carmen Faustino. *Estado de Libido – Ou Poesias de Prazer e Cura* (2020); [6] Jeferson Alves. *Devaneios Cotidianos de um Claudicante* (2017); [7] Isadora Ravena. *Sinfonia para o Fim do Mundo* (2020); [8] Sara Wagner York. *Corpos Transgressores - Políticas de Resistências* (2018)⁶; [9] Rafael Leopoldo. *Cartografia do Pensamento Queer* (2020).

Ao convidar estas pessoas para conversarmos sobre suas escritas, não estou menosprezando as queridas epistemologias do Norte, mas o que proponho, enquanto artista-político, é uma quebra com a dominação epistemológica – “A política dominante torna-se epistemológica quando é capaz de defender ativamente que o único conhecimento válido que existe é aquele que ratifica a sua própria supremacia” (SANTOS, 2019, p. 7).

Assim, o que trago – ou o que busco na realização desse curso – é uma conversa a partir dos pensamentos dessas pessoas trazidos em seus livros numa grande orgia de saberes, onde cada uma delas vão nos provocando a questionar o que sabemos, repensar a própria escrita e quem são nossas referências.

Cada uma delas, seja pela poesia, pelo diário, pelo conto, pelas particularidades de suas próprias formas de nos colocar seus conhecimentos, vão nos convidando a participar dessa suruba de ideias, reflexões e questionamentos. Afinal de contas, *Orgio é Suruba* na língua Esperanto⁷ e como toda boa suruba, os cruzamentos precisam acontecer e nos provocar a pensar quais as intersecções entre as poesias de Carmen com os devaneios de Jeferson? Ou a escrita de uma bixa preta afeminada como Jefferson com os contos putos de Abhiyana? Qual a relação do CU do Colling com as transgressões de Sara e os pensamentos cartográficos de Rafael? Que fim de mundo estamos esperando de Ravena que nos conectam às subjetivações de Adalberto e às decolonialidades de PC?

Não é sobre apenas ler nossas próprias literaturas, mas pensar no sistema como um todo e as intersecções estruturais do “racismo, do capitalismo e do cisheteropatriarcado” (AKOTIRENE, 2019) que contribuem para a formação e

manutenção de uma epistemologia hegemônica colonial e causar rupturas neste *status quo* injetando esses outros pensamentos em um novo devir do conhecimento fora e dentro da academia e de todo o sistema num desejo ardente de desmantelá-lo. Como aponta Boaventura:

é imprescindível questionar os alicerces epistemológicos do pensamento crítico eurocêntrico e ir além dele, por mais brilhante e magnífico que seja o conjunto de teorias que ele gerou. Procurarei mostrar que o problema central reside no fato de que as premissas epistemológicas do pensamento crítico eurocêntrico e do pensamento conservador eurocêntrico têm grandes (e fatais) afinidades eletivas, representando duas versões diferentes daquilo que aqui chamo de epistemologias do Norte. Para recuperar a ideia de que existem alternativas, bem como para reconhecer que as lutas contra a opressão que continuam a ter lugar no mundo são portadoras de alternativas potenciais, é necessária uma mudança epistemológica. (SANTOS, 2019, p. 9)

ORGIO É ARTE

O *Orgio à Brasileira* não é apenas conexão com outras literaturas é também com a arte. Como mestrando em um programa de artes visuais, estabelecer essa ponte entre as escritas e o meu próprio fazer artístico era primordial, uma vez que tais temáticas conversam diretamente com a minha pesquisa e a minha arte. Assim, em cada encontro do curso, trouxe um ensaio fotográfico inédito e inspirado em cada um dos livros do curso, completando as discussões. A união da escrita e da imagem como potência para alavancar ainda mais as conversas.

Faço a escolha pela fotografia para fazer essa conversa pensando no apresentado por André Rouillé no livro *A Fotografia: entre Documento e Arte Contemporânea* (2009) sobre a relação entre a imagem e a escrita que ele chama de “fotografia-expressão”. Contrapondo a fotografia-documento, a fotografia-expressão não nega a subjetividade do fotógrafo e o diálogo com os outros:

Caracteriza com exatidão a fotografia-expressão: o elogio da forma, a afirmação da individualidade do fotógrafo e o dialogismo com os modelos são seus traços principais. A escrita, o autor, o outro: para uma nova maneira de documento. A fotografia-expressão não recusa totalmente a finalidade documental e propõe outras vias, aparentemente indiretas, de acesso às coisas, aos fatos, aos acontecimentos. Tais vias são aquelas que a fotografia-documento rejeita: a escrita, logo, a imagem; o conteúdo, logo, o autor; o dialogismo, logo, o outro. (ROUILLÉ 2009, p. 161).

Logo trazer a fotografia para este projeto é colocar as ideias apresentadas por esse grupo de pessoas em uma conexão direta com as minhas próprias subjetividades e me

colocar nas suas próprias. A seguir, apresentarei um pouco de cada encontro, assim como as fotografias criadas.

[ENCONTRO 01] GÊNEROS E PRÁTICAS DE SUBJETIVAÇÃO: SUJEIÇÕES, INSURREIÇÕES E ESTÉTICAS DA EXISTÊNCIA

No dia 06 de maio de 2021, tivemos o primeiro encontro do curso com os autores Adalberto Ferdnando Inocêncio & Jefferson Campos, organizadores do livro *Gêneros e Práticas de Subjetivação: Sujeições, Insurreições e Estéticas da Existência* (Figuras 1, 2 e 3).



Figuras 1, 2 e 3: Capa do livro (à esquerda). Ferdnando Inocêncio (no centro). Jefferson Campos (à direita). Fonte: Internet e acervos pessoais.

Começar essa suruba com estes dois foi a escolha certa e que deu ao encontro dali por diante o tom necessário para compreendermos a importância de repensarmos nossas epistemologias. Na sua fala, Ferdnando diz:

Estamos numa atmosfera de ataques de gênero e sexualidade, um contexto pós-golpe, um contexto que a gente acredita em lutas contra a sujeição e estou chamando de sujeição este tipo de política que vem de cima pra baixo e que denomina um lugar para um sujeito. Então, você é isso, e mais do que isto, por você ser isso, você só pode fazer tais coisas. São lutas contra a sujeição. (INOCÊNCIO, 2021)

A sujeição de nossas mentes a saberes hegemônicos dentro de um processo brutal de diminuição, silenciamento e apagamento. E como bem disse Jefferson:

Nós vemos o quanto este processo corrobora não só para a manutenção daquilo que a gente conhece, daquilo que a gente evidencia na maioria dos trabalhos que nós lemos, que pessoas negras não pensam, não existem intelectuais pretos, que não há produção significativa de intelectuais pretos, mas para além disso, nós percebemos que a nossa formação vai nos colocando cada vez mais distantes de quem efetivamente nós somos. Que estas identidades, especialmente, na academia, são formuladas e produzidas numa forja, numa forma, que nunca foi pensada e continua não sendo para pessoas como nós [pretas]. (CAMPOS, 2021a)

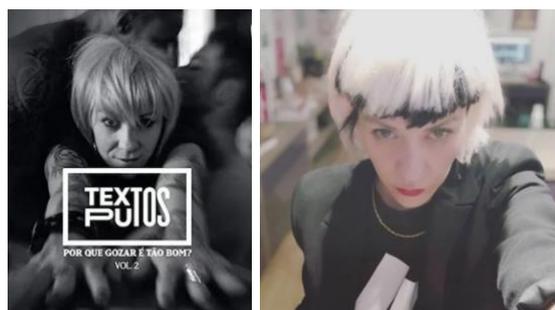


Figuras 4 e 5: Minha Branquitude... Chris, The Red. Fotografia. São Paulo/SP. 2021

E sendo assim, “para a bixa preta afeminada, a escrita é um exercício político-revolucionário da construção de si mesmo, e é, por isso mesmo, uma prática de liberdade” (CAMPOS, SILVA, DA SILVA, 2020, p. 37) e tudo isso vai ao encontro das minhas reflexões sobre a minha própria branquitude e os espaços de privilégio em que me localizo e em conexão com este debate trouxe para este encontro a obra *Minha Branquitude...*⁸ (2021) (Figuras 4 e 5) para estabelecer esta intersecção com as falas de Ferdnando e Jefferson: onde a minha branquitude cria obstáculos para que saberes negros ocupem os espaços? E para além disso, como romper estas construções hegemônicas?

[ENCONTRO 02] TEXTOS PUTOS POR QUE GOZAR É TÃO BOM?

O segundo encontro, 10 de maio, foi com a Abhyiana, autora dos livros *Textos Putos Volumes 1 e 2* (2017 e 2019) e o mais recente, *O Manual do Sexo Anal* (2021) (Figuras 6 e 7). Ter um livro que traz contos eróticos no projeto é de extrema importância por dois pontos que entendo como principais.



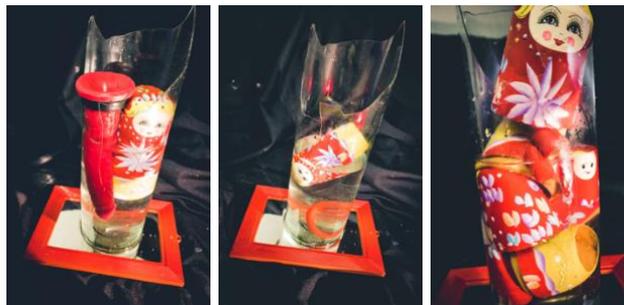
Figuras 6 e 7: Capa do livro (à esquerda). Abhyiana (à direita). Fonte: Internet

Primeiro, para entendermos que a construção de outras epistemologias deve incluir livros de contos, poesias e outras escritas. Segundo, porque é uma mulher falando de suas fantasias, seus desejos, suas vivências em um país extremamente machista e patriarcal como o Brasil. Trazer a Abhyiana para o *Orgio* é o encontro perfeito com as conversas que precisam ser feitas em torno do feminismo, da liberdade, da sexualidade e

não à toa, ela começa o *Textos Putos Volume 02* com um manifesto: o Manifesto da Buceta. “Bucetas querem. Queira você ou não. Bucetas querem abrir, dar e receber. Têm vontade própria e são amigas da liberdade. Bucetas são pássaros voando no céu, batendo suas asas melecadas. Bucetas têm coração, e quando ele palpita, o oceano transborda” (ABHIYANA, 2019, p. 4) e com suas palavras durante o encontro, ela diz a que veio:

Eu gosto muito de falar sobre cu. Eu tenho uma fissura sobre cu. Para mim é um lugar de provocação, de quebrar tabus, de encher o saco da sociedade, de como ela quer formatar, condicionar, padronizar, como ela quer enfiar goela abaixo umas coisas que a gente não aguenta mais e pra mim este livro foi um grito. (ABHIYANA, 2021)

E falando em cu, é no Conto 03 (p. 25 a 27) que traz o cu e a boneca matryoshka que inspira o ensaio fotográfico do encontro com Abhiyana, *Bonequinha de Puta*⁹ (2021) (Figuras 8, 9 e 10) para conversar sobre as violências que as mulheres são expostas quando o assunto é sua sexualidade e seus desejos. A sociedade patriarcal colocou a mulher em um papel de submissa e de reprodutora e a Abhiyana escreve justamente sobre a ruptura com essa violência, principalmente, no que se refere a sexualidade da mulher.



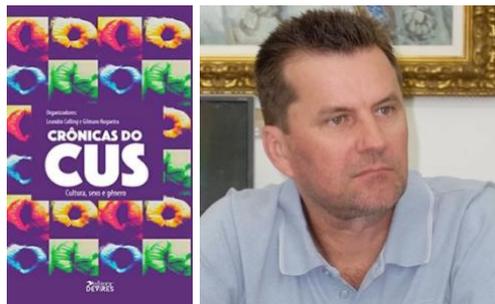
Figuras 8, 9 e 10: Bonequinha de Puta. Chris, The Red. Fotografia. São Paulo/SP. 2021

[ENCONTRO 03] CRÔNICAS DO CUS: CULTURA, SEXO E GÊNERO

Em 19 de maio, realiza-se o terceiro encontro com a presença do Leandro Colling que, juntamente com o Gilmaro Nogueira, organizou o livro *Crônicas do CUS: cultura, sexo e gênero* (2019) (Figuras 11 e 12). O livro é uma coletânea de textos publicados anteriormente no blog *Cultura e Sexualidade*¹⁰ e entre tantos artigos, solicitei aos participantes do curso que lessem o intitulado *O ânus é um órgão sexual?*¹¹ de autoria do Leandro. A escolha por este texto se deu pelas conexões que faço com o livro *Manifesto Contrassexual* (2017), do Paul B. Preciado, que defende a ressexualização do ânus, “uma zona do corpo excluída das práticas heterocentradas, considerada a mais suja e a mais abjeta” (PRECIADO, 2017, p. 36) e com o livro *Pelo Cu: Políticas Anais* (2016), de Javier Saez e Sejo Carrascosa – “O cu é o grande lugar da injúria, do insulto. Como vemos em todas as expressões cotidianas, a penetração anal como sujeito passivo está no centro

da linguagem (...) como o pior” (SAEZ; CARRASCOSA, 2016, p. 27) numa busca por trazer o debate para o cu brasileiro. Nosso cu tem outras conversas, como bem aponta Leandro em outro artigo do livro:

No Brasil, talvez com alguma intensidade maior que outros lugares, o cu tem gênero sim. Aquela pessoa que é tida como a passiva no ato sexual anal é vista como a “mulherzinha” da relação. Se a pessoa passiva for do sexo masculino, ela automaticamente é considerada como homossexual, gay, viado ou qualquer outra expressão que a defina como alguém que traiu a sua masculinidade. (COLLING, 2019, p. 67-68)



Figuras 11 e 12: Capa do livro (à esquerda). Leandro Colling (à direita). Fonte: Internet

Assim, em sua apresentação, Leandro vai traçando estas políticas do nosso corpo: “sobre como nosso corpo foi recortado para se ter partes erógenas e não-erógenas. Qual é a história da colonização sobre nosso corpo? (COLLING, 2021).



Figuras 13 e 14: Ah, Romeu, Romeu! És teu cu sexual?. Chris, The Red. Fotografia. São Paulo/SP. 2021

E é nesta linha que trago o ensaio *Ah, Romeu, Romeu! És teu cu sexual?*¹² (2021) (Figuras 13 e 14) numa brincadeira sobre a romantização dos nossos prazeres, amores e nossas corpos. Teria Romeu oferecido seu cu a Julieta como prova do seu grande amor?

[ENCONTRO 04] DEBATES DECOLONIAIS, SEXUALIDADES, GÊNEROS E INTERSECCIONALIDADES

No 4º encontro, de 02 de junho, Jefferson Campos retorna acompanhado agora do Rodrigo Casteleira (PC) para falarem sobre o livro que organizaram juntos *Debates Decoloniais, Sexualidades, Gêneros e Interseccionalidades* (2020) (Figuras 15, 16 e 17) e como eles afirmam já na introdução, esta obra surge pela busca de “estratégia de

resistência. Demarcação de espaços e de lugares de fala. Insurreições epistemológicas. Políticas de afeto. Diálogo” (CAMPOS; CASTELEIRA, 2020, p. 11). Pelo

levantar de vozes na ciência que tirem do cárcere o conjunto fértil de práticas e de saberes que sustentam uma epistemologia decolonial. Se não decolonial, ao menos, um modo de produção de saberes flagrado na diáspora do pensamento hegemônico. (CAMPOS; CASTELEIRA, 2020, p. 12)



Figuras 15, 16 e 17: Capa do livro (à esquerda). Jefferson Campos (meio). Rodrigo Casteleira (à direita).
Fonte: Internet e acervo pessoal.

Ou seja, a própria construção do livro, além de trazer temáticas essenciais para o debate contemporâneo como decolonialidade e gênero, por exemplo, é feita já a partir desta busca por outras escritas e que muitas vezes caem no esquecimento, soterradas pelos ditos saberes canônicos: “A ideia é fazer um processo de colocar na cena e em cena, pessoas no campo da pesquisa, mas pessoas que não estão no *mainstream*” (CASTELEIRA, 2021) e como bem diz Jefferson durante o encontro:

A gente fala como pessoas que produzem conhecimentos em diversas esferas e este livro mostra o quanto trabalhos como o meu, o dele estão perdidos em algum lugar, no poço do esquecimento da universidade por um motivo muito óbvio e que se, em um certo momento, ele é esquecido, num segundo momento, ele causa estranhamento. Num terceiro momento, incômodo e num quarto momento, ele causa rivalidade (CAMPOS, 2021b).



Figura 18: Performance de um Saber (-Se) Só. Chris, The Red. Fotografia. São Paulo/SP. 2021

Este esquecimento, ou melhor, este soterramento, por muitas vezes, nos causa uma sensação de estar sozinho, gritando em uma multidão de desinteressados e que me

provocou a criar a obra fotográfica *Performance de um Saber (-Se) Só*¹³ (2021) (Figura 18). Como produzir quando o meio de produção é macho branco hétero? Como ser um corpo bicha preto no espaço acadêmico dentro do que Jefferson e PC chamam de política do ressentimento? Como construir saberes quando as corpos bichas e negras são acusadas de ressentidas diante desse sistema pautado nos afetos coloniais?

[ENCONTRO 05] ESTADO DE LIBIDO – OU POESIAS DE PRAZER E CURA

O 5º encontro, 24 de junho, é poético-negro-feminista e traz a obra de Carmen Faustino e seu livro *Estado de Libido – Ou Poesias de Prazer e Cura* (2020) (Figuras 19 e 20). Não há a construção de outras epistemologias sem a poesia. Sem a poesia negra. Sem a poesia negra feminina. Sem a poesia negra feminina erótica. Sem a poesia de Carmen. Como bem escreve Jennyfer Nascimento no prefácio do livro: “a escrita protagonizada por Carmen Faustino rechaça os estigmas do racismo e do sexismo e inaugura um campo de diálogo com suas leitoras(es) com base em dimensões fundamentais da vida: o cuidado, o prazer e a cura” (NASCIMENTO, 2020, p. 17).



Figuras 19 e 20: Capa do livro (à esquerda). Carmen Faustino (à direita). Fonte: Internet

Carmen, a cada página, a cada poesia, vai nos apresentando costuras fundamentais entre o prazer, o erótico, o sagrado e suas vivências enquanto uma mulher negra e buscando em outros espaços os saberes que nem sempre estão na academia para encontrar a si e à sua escrita:

Eu fui pra universidade pra fazer letras já com interesse em conhecer a literatura negra e me frustréi um monte porque quando cheguei lá não aprendi quase nada da literatura negra. Aí, fui conhecer os espaços de sarau na periferia de São Paulo. São espaços que são muito importantes para minha caminhada e foi onde eu passei a ganhar entendimentos da potência dessa minha escrita. Foi quando eu passei a trocar com mulheres pretas que também traziam nos seus textos as mesmas discussões que eu. (FAUSTINO, 2021)

E foi nos prazeres de suas poesias que encontrei o caminho para realizar o ensaio *Punany*¹⁴ (2021) (Figuras 21, 22 e 23) título de uma das suas poesias: “Minha buceta É o

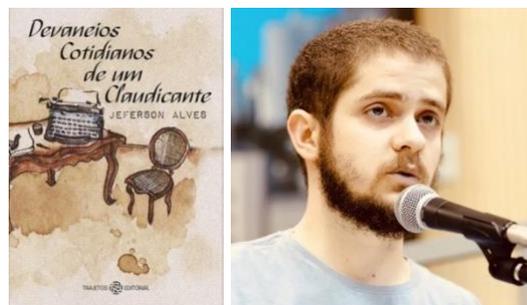
poder Negrume Mistério De vício e prazer Que te engole Te domina E você Vaidoso E preocupado Apenas com seu falo Nem vê” (FAUSTINO, 2020, p. 35).



Figuras 21, 22 e 23: Punany. Chris, The Red. Fotografia. São Paulo/SP-Lavras/MG. 2021

[ENCONTRO 06] DEVANEIOS COTIDIANOS DE UM CLAUDICANTE

O 6º encontro, 01 de julho, traz o livro *Devaneios Cotidianos de um Claudicante* (2017) de Jeferson Alves (Figuras 24 e 25) e um diálogo que precisamos muito realizar cada vez mais em um país capacitista como o Brasil. Jeferson é PCD¹⁵ e suas escritas nos provocam a refletir sobre os espaços: seja o espaço físico, seja o acadêmico, o do cotidiano. A pensar onde estão os espaços e como as PCDs são representadas? E questionarmos inclusive nossos processos educacionais: “A educação tem de se dar de dentro pra fora. O primeiro (e mais comum) erro é acreditar que somente os pais (ou os que criam o indivíduo) têm de educar” (ALVES, 2017, p. 41).



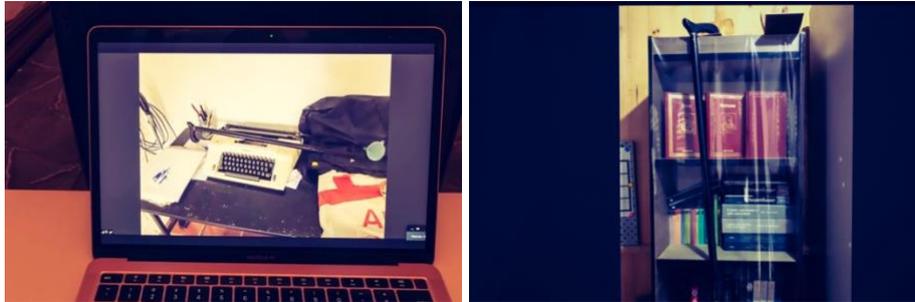
Figuras 24 e 25: Capa do livro (à esquerda). Jeferson Alves (à direita). Fonte: Internet

Em sua fala, Jeferson aponta:

O problema não é que o vilão seja o monstro, que tenha uma aparência de uma pessoa com deficiência. O problema é quando isso é usado para depreciar. Se usa a deficiência para potencializar a pessoa, não é um problema, mas isto é muito difícil de acontecer. É isto que eu tento trazer sempre nas coisas que eu escrevo e faço. Inclusive, são partes das perguntas que faço com as pessoas com deficiência que trabalho: qual é a potencialidade que vê em teu corpo? (ALVES, 2021).

E para nós, pessoas sem deficiência, nos perguntarmos sempre como estão estruturados os espaços ao nosso redor, nossa casa, nossa rua, a universidade, as calçadas,

o teatro, tanto do aspecto físico-espacial como intelectual e é justamente sobre isto que criei o ensaio *Onde Estão os Espaços?*¹⁶ (2021) (Figuras 26 e 27) para este encontro.



Figuras 26 e 27: Onde Estão os Espaços? Chris, The Red. Fotografia. São Paulo/SP - Novo Hamburgo/RS. 2021

[ENCONTRO 07] SINFONIA PARA O FIM DO MUNDO

Não tem como pensar outras epistemologias sem as escritas trans em um país como o Brasil que continua sendo o país que mais assassina pessoas trans no mundo¹⁷. Então, este curso não estaria completo sem a presença de Isadora Ravena com seu fabuloso *Sinfonia para o Fim do Mundo* (2020) (Figuras 28 e 29) em 15 de julho.



Figuras 28 e 29: Capa do livro (à esquerda). Isadora Ravena (à direita). Fonte: Internet

Como Isadora traz em seu livro: “Artistas trans estão a abalar as certezas, a colocar em xeque as concepções sociais fundantes sobre o corpo, sobre arte e sobre vida” (RAVENA, 2020, p. 6) e a importância que estas escritas têm não apenas para nós que as lemos, mas para a própria autora:

Acabou que a minha relação com o livro virou uma relação de sinfonia para o fim do mês. Foi um livro que me sustentou e ainda me sustenta e é interessante a relação que o livro vai tendo comigo, ele conversa comigo em diferentes partes desse percurso que é de 2020 até hoje. (RAVENA, 2021)

E foi inspirado pelas suas palavras e nas de Max Uranio – “Desde antes eu já sabia que não pertencço à esse lugar” (URANIO, 2018) que criei o ensaio *Eu Não Sou Daqui*¹⁸ (2021) (Figuras 30, 31 e 32).



Figuras 30, 31 e 32: Eu Não Sou Daqui. Chris, The Red. Fotografia. São Paulo/SP. 2021

[ENCONTRO 08] CORPOS TRANSGRESSORES

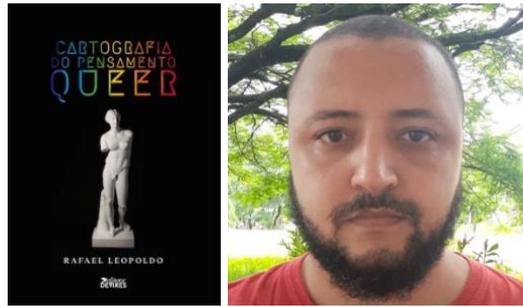
Infelizmente, por questões de sua saúde, o encontro com Sara Wagner York não aconteceu. No entanto, creio importante citar o livro *Corpos Transgressores: Políticas de Resistências* (Figuras 33 e 34), que tem Sara como uma das organizadoras, como uma referência importante nas construções epistemológicas. O livro “é uma homenagem a Dandara dos Santos, travesti brutalmente assassinada em 15 de fevereiro de 2017, na cidade de Fortaleza” (JESUS; MELO; TCHALIAN; JÚNIOR, 2018, p. 9) e que me ajudou a construir a narrativa do ensaio que seria apresentado no encontro: *Quem Matou Dandara?*¹⁹ (2021).



Figuras 33 e 34: Capa do livro (à esquerda). Sara Wagner York (à direita). Fonte: Internet

[ENCONTRO 09] CARTOGRAFIA DO PENSAMENTO QUEER

E chegamos ao último encontro do curso, 28 de julho, com Rafael Leopoldo e o livro *Cartografia do Pensamento Queer* (2020) (Figuras 35 e 36) e concluí-lo com ele foi essencial para compreendermos melhor os estudos *queers* e a sua entrada no Brasil, inclusive, os problemas não apenas com a tradução da palavra, mas a própria forma como se deu a entrada do *queer* no Brasil, enaltecendo ainda mais a importância de repensarmos as questões epistemológicas propostas com a criação do *Orgio*. Como Rafael escreve: “Quando nos deparamos com o termo ‘queer’ visualiza-se, de imediato, um enigma de tradução” (LEOPOLDO, 2020, p. 37).



Figuras 35 e 36: Capa do livro (à esquerda). Rafael Leopoldo (à direita). Fonte: Internet

Em sua fala, Rafael vai nos inserindo não apenas nos caminhos do estudo *queer*, mas apresentando-nos as metamorfoses ligadas a este termo que ele apresenta como “semântica e afetiva. É uma mudança de afetos”, nos provocando a refletir sobre as “micropolíticas dos afetos na teoria queer” (LEOPOLDO, 2021). E pensando justamente nestas metamorfoses do *queer* dentro do nosso contexto brasileiro é que apresentei a última foto do projeto: *Já Tomou Nu cuir?*²⁰ (2021) (Figura 37) como uma provocação direta para buscarmos esses outros saberes que fomos mergulhando durante todos os encontros.



Figura 37: Já Tomou Nu cuir? Chris, The Red. Fotografia. Teresina/PI. 2021

NÃO HÁ FINS QUANDO PROPOMOS OUTROS CAMINHOS

Orgio à Brasileira não foi idealizado para lhe manter na zona de conforto. Quero lhe causar aflição, que se sinta desconfortável como aquele peido preso. Existem muitas escritas, muitos saberes sendo construídos e precisamos buscá-los e trazê-los para nosso cotidiano, nossas falas, principalmente, na construção de uma nova academia. Lá fora, os saberes estão sendo construídos a partir de outras referências e precisamos misturá-los aos saberes que estão sempre referenciados em nossos artigos, monografias, dissertações, teses etc. Obrigado, Jefferson, Ferdnando, Abhyiana, Leandro, PC, Carmen, Jéferson, Isadora, Sara e Rafael. Vocês arrasam!

CITAÇÕES E REFERÊNCIAS

- ABHIYANA. **Textos Putos Por que gozar é tão bom?** São Paulo: scp, 2019.
- _____. **Orgio à Brasileira**. Plataforma Zoom (online). 10 de maio de 2021.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade** / Carla Akotirene. -- São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 152p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro).
- ALVES, Jeferson. **Devaneios cotidianos de um claudicante**. São Leopoldo: Trajetos Editorial. 2017.
- _____. **Orgio à Brasileira**. Plataforma Zoom (online). 01 de julho de 2021.
- CASTELEIRA, Rodrigo Pedro. **Orgio à Brasileira**. Plataforma Zoom (online). 02 de junho de 2021.
- CAMPOS, Jefferson; SILVA, Guilherme Araújo; DA SILVA, Bruno Barra. **Ser bixa preta afeminada na ordem do discurso acadêmico**. In: Gêneros e práticas de subjetivação: sujeições, insurreições e estéticas da existência. Adalberto Ferdnando Inocêncio – 1.ed. - Curitiba: Brazil Publishing, 2020. [recurso eletrônico].
- _____, Jefferson; CASTELEIRA, Rodrigo Pedro. **Debates decoloniais, sexualidades, gêneros e interseccionalidades**. Jefferson Campos, Rodrigo Pedro Casteleira (organizadores). Maringá: Editora Trema, 2020.
- _____. **Orgio à Brasileira**. Plataforma Zoom (online). 06 de maio de 2021(a).
- _____. **Orgio à Brasileira**. Plataforma Zoom (online). 02 de junho de 2021(b).
- COLLING, Leandro. **Crônicas do CUS: cultura, sexo e gênero**. Leandro Colling e Gilmaro Nogueira (orgs.). 1ª edição. Salvador, BA: Editora Devires. 2019.
- _____. **Orgio à Brasileira**. Plataforma Zoom (online). 19 de maio de 2021.
- FAUSTINO, Carmen. **Estado de Libido: poesias de prazer e cura**. São Paulo: Oralituras, 2020.
- _____. **Orgio à Brasileira**. Plataforma Zoom (online). 24 de junho de 2021.
- INOCÊNCIO, Adalberto Ferdnando. **Orgio à Brasileira**. Plataforma Zoom (online). 06 de maio de 2021.
- JESUS, Dánie Marcelo de; MELO, Glenda Cristina Valim de; TCHALIAN, Vicente; JÚNIOR, Sara Wagner Pimenta Gonçalves. (Orgs.). **Corpos Transgressores: políticas de resistências**. Campinas,SP: Pontes Editores, 2018.
- LEOPOLDO, Rafael. **Cartografia do Pensamento Queer**. 1ª ed. Salvador-BA. Editora Devires, 2020.
- _____. **Orgio à Brasileira**. Plataforma Zoom (online). 28 de julho de 2021.
- NASCIMENTO, Jennyfer. Prefácio in: **Estado de Libido: poesias de prazer e cura**. São Paulo: Oralituras, 2020.
- PRECIADO, Paul B. **Manifesto Contrassexual**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2017
- RAVENA, Isadora. **Sinfonia para o Fim do Mundo**. 3ª ed. Fortaleza. LAC, 2020.
- _____. **Orgio à Brasileira**. Plataforma Zoom (online). 15 de julho de 2021.
- ROUILLÉ, André. **A Fotografia: entre documento e arte contemporânea**. Tradução Constancia Egrejas. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.
- SAEZ, Javier. **Pelo Cu: Políticas Anais**. Javier Saez, Sejo Carrascosa; Tradução Rafael Leopoldo. Belo Horizonte, MG: Letramento, 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul** / 1. ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

URANIO, Max. **Eu Não Sou Daqui**. Disponível em

<http://maxruanperuzzo.blogspot.com/2018/04/eu-nao-sou-daqui.html>. Acesso: 09.12.21

¹ Disponível em <https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee>.

² “Jota Mombaca é uma bicha não binária, nascida e criada no Nordeste do Brasil, que escreve, performa e faz estudos acadêmicos em torno das relações entre monstrosidade e humanidade, estudos kuir, giros descoloniais, interseccionalidade política, justiça anti-colonial, redistribuição da violência, ficção visionária e tensões entre ética, estética, arte e política nas produções de conhecimentos do sul-do-sul globalizado.” Extraído do site da artista. Disponível em <https://jotamombaca.com/about-sobre/>. Acesso: 02.12.21.

³ Em julho de 2021, tornando-se impossível continuar no referido grupo de pesquisa, solicitei troca de orientação e me retirei do grupo.

⁴ Disponível em <http://orgioabrasileira.com.br/>.

⁵ Desde 2019, todos os artigos escritos por mim são feitos com o uso das linguagens neutra e inclusiva. Para conhecimento e/ou aprofundamento no assunto, acesse o site da Diversity BBox. Disponível em <https://diversitybbox-cursos.eadbox.com/courses/ebook-dossie>.

⁶ Por questões de saúde, o encontro com a Sara Wagner York acabou não acontecendo.

⁷ “O Esperanto é uma língua internacional planejada que foi lançada em 1887 com objetivo de facilitar a comunicação entre os povos de diferentes países e culturas. O autor do Esperanto foi o médico polonês Lázaro Luís Zamenhof (1859-1917) que o lançou com o pseudônimo “Dr. Esperanto” que significa nesse idioma ‘aquele que tem esperança’ em um livro denominado ‘Unua Libro de la Lingvo Internacia’. Portanto, o nome original do Esperanto é ‘Lingvo Internacia’, que melhor se traduz por “língua para ser internacional”. Disponível em <http://esperanto.org.br/info/index.php/18-disvastigado/5-o-que-esperanto>. Acesso: 04.12.21.

⁸ Ensaio completo disponível em <http://orgioabrasileira.com.br/index.php/ensaios-fotograficos/304-minha-branquitude>. Acesso: 04.12.21.

⁹ Ensaio completo disponível em <http://orgioabrasileira.com.br/index.php/ensaios-fotograficos/305-bonequinha-de-puta>. Acesso: 04.12.21.

¹⁰ Disponível em <http://blogs.ibahia.com/a/blogs/sexualidade/>. Acesso em 06 de dezembro de 2021.

¹¹ Texto publicado originalmente em 07 de novembro de 2012.

¹² Ensaio completo disponível em <http://orgioabrasileira.com.br/index.php/ensaios-fotograficos/306-ah-romeu-romeu-es-teu-cu-sexual>. Acesso: 06.12.21.

¹³ Ensaio disponível em <http://orgioabrasileira.com.br/index.php/ensaios-fotograficos/307-performance-de-um-saber-se-so>. Acesso: 06.12.21.

¹⁴ Ensaio completo disponível em <http://orgioabrasileira.com.br/index.php/ensaios-fotograficos/308-punany>. Acesso: 07.12.21.

¹⁵ PCD: sigla para Pessoa com Deficiência.

¹⁶ Ensaio completo disponível em <http://orgioabrasileira.com.br/index.php/ensaios-fotograficos/309-onde-estao-os-espacos>. Acesso: 07.12.21.

¹⁷ De acordo com o relatório 2021 do Transgender Europe (TGEU): “2021 is set to be the deadliest year for trans and gender-diverse people since we began collecting data, with 375 registered murders between 1 October 2020 and 30 September 2021. This represents a 7% increase from the 2020 update, which was already a 6% increase from the 2019 update. Brazil remains the country that reported the majority of the murders (125), followed by Mexico (65) and the United States (53). The data shows that a total of 4042 trans and gender-diverse people reported being murdered between 1 January 2008 and 30 September 2021. Disponível em <https://transrespect.org/en/tmm-update-tdor-2021/>. Acesso: 08.12.21.

¹⁸ Ensaio completo disponível em <http://orgioabrasileira.com.br/index.php/ensaios-fotograficos/310-eu-nao-sou-daqui>. Acesso: 09.12.21

¹⁹ Ensaio disponível em <http://orgioabrasileira.com.br/index.php/ensaios-fotograficos/311-quem-matou-dandara>. Acesso: 09.12.21

²⁰ Disponível em <http://orgioabrasileira.com.br/index.php/ensaios-fotograficos/312-ja-tomou-nucuir>. Acesso: 09.12.21